Oroborus

Wanda Monteiro

Oroborus

Ao meio dia um galo branco cantou
em minha janela
nesse instante fiquei a pensar na palavra deus e se ao meu modo
[creio o mundo é feito de palavras
esse deus pertence a quem o escreve e a quem lhe inventa o momento
[primeiro
e lhe dá forma e lhe diz do derradeiro
esse canto ao meio dia desse dia
em que eu assim como o galo
desaprendi a língua dos relógios
me fez lembrar de que eu esqueci o nome dos dias e do meses e me
[fez querer desinventar este ano que termina na palavra vinte
e me fez pensar na palavra deus
e no desejo de caminhar no rastro do começo
lá onde tudo era nu e sem nome
no chão do princípio onde irrompe a luz
na dobra do que não era tempo
na quebra do silêncio
acordei hoje ao canto desse galo branco
ao meio desse dia de palavra calendária inventada e escrita pelo
[humano
e fiquei a pensar que tudo que sabemos é o tudo que lembramos ou é
[o tudo que lembraram por nós
assim sabemos quando lembramos do salmo escrito por um ancião
que nem nasceu ou lembramos de um continente que já foi mar ou
lembramos da corredeira de um rio que já secou ou lembramos de
uma língua que já morreu
um galo branco em minha janela cantou
me acordou e me fez pensar na palavra deus
e nesse deus uma palavra
escrita em linhas de sombras
esse deus erguido e fechado em oroborus palavra que vinga - retorna
[e nos aprisiona no tempo do sem fim
dessa aldeia circunscrita ao verbo
.

Casulo

Há tanto não vejo
o riso da manhã

ela em seu casulo
concentra o tempo
guarda na letargia
toda luz crescente

o vento faz silêncio
o fruto não cai
a música não toca

a impermanência no
gesto à proa do pensamento
não há brevidade no vazio

ainda é noite

Degredo

De poro a poro
o ar vagueia na carne

o pão dormido queima no estômago
o carbono flutua aceso no pulmão

o fremir dos membros
atiça os gélidos tentáculos da pedra

sob fétida marquise
o humano se despoja do Ser
aninha-se na casca do andrajo

nas ruas
o degredo devora
sono a sono
a vida
sob à escuridão da indiferença

Não há vazio no silêncio
dentro dele
em sua veemente mudez
movem-se as coisas perdidas
de seus nomes

o propósito: soerguer
a memória

Isca inerme

De ímpeto
desatar o nó das horas perdidas
saltar em campo aberto
traçado cego de inexata rota

cultivar o inesperado: a visão
de clareiras ausentes de margens
paisagem circular

linha finita
horizonte oroborus

sobre arenosa dúvida
dançar girândolas
no deserto da solidão
seguir e prosseguir a esmo

na contrafação do engenhoso tempo
cultivqr o intento de ser livre
tornar-Se isca inerme
da propria armadilha: o abismo
de seu arbítrio

asa

pena a pena
se tece a asa
apenas uma

com uma asa só
nao se tece o voo

só o desequilibrio

Na paz
repousa silente inquietude
vigília aguda sobre aparente i-
mobilidade

prenúncio
de encerrar-se
ao mínimo gesto
e a qualquer instante

Exercício de respiração para tempos obscuros:

I

Respirar
acordar com o desejo de corrigir as tristezas e dizer: hoje
pelo menos por hoje e apenas por hoje
eu vou esquecer de morrer

II

Respirar
mesmo que a música não toque
acima e abaixo de nós vive o céu
dentro de nós ondula o mar
viver é um instante
uma brevidade
mas isso é tanto

e morrer é todo o resto
uma eternidade

Não há jardins em poemas

eis que o poema é uma jazida mineral
de carvão em combustão
cuja imagem reina em ceptro aceso
sobre salamandras de alta voltagem

reinado volátil
efêmero à retirada do ar
quando
se
fecha
a
página

No estio

Mesmo no estio de alguma beleza
poetas cumprem a sina
de escavar luz
nos escombros

o poeta forja outro mundo
no milagre do poema

WANDA MONTEIRO é escritora e poeta, uma amazônida nascida às margens do Rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer, Estado do Pará. Reside há mais de 30 anos no Rio de Janeiro, mas só se sente em casa quando pisa no leito de seu rio. Suas obras: *O Beijo da Chuva*, editora Amazônia, 2008, *Anverso*, editora Amazônia, 2011, *Duas Mulheres Entardecendo*, editor Tempo, 2015, *A Liturgia do Tempo e outros silêncios*, ed, ed Patuá, 2019. Seu livro mais recente é *Aquatempo Acquatiempo – Sementes líricas* (Editora Patuá, 2019).

Capa
Deborah Dornellas

Diagramação
Rebeca Gadelha